



Separata

**3ª REUNIÃO DO
REUNION DEL CUATERNARIO
QUATERNARIO
IBÉRICO**
G.T.P.E.Q. AEQUA.

COIMBRA

COIMBRA 1993

The logo consists of a stylized map of the Iberian Peninsula on the left, with a small square indicating the location of Coimbra. To the right of the map is a bottle, possibly representing a beverage or a specific product. The text is arranged in a bold, sans-serif font, with the main title in large letters and the location and year below it.

UM INDICADOR ECONÓMICO PARA O BRONZE PLENO DA BEIRA ALTA: A FAUNA DE GRANDES MAMÍFEROS DA UNIDADE ESTRATIGRÁFICA 4 DA "SALA 20" DO BURACO DA MOURA DE S. ROMÃO (CONCELHO DE SEIA)

CARDOSO, João Luís

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

SENNA-MARTINEZ, João Carlos de; VALERA, António Carlos
Instituto de História Regional e do Municipalismo e Instituto de Arqueologia
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

1. Introdução

O Buraco da Moura de São Romão é um conjunto de cavidades entre grandes penedos graníticos, situado na vertente sul-oriental do Cabeço do Crasto de S. Romão, junto à ribeira da Caniça e próximo da sua confluência com o Alva, freguesia de S. Romão, concelho de Seia.

O seu estudo, iniciado em 1985, por uma equipa co-dirigida por J. C. SENNA-MARTINEZ & A. C. VALERA, tem vindo a demonstrar a importância deste arqueossítio, único conhecido na Beira Alta em que foi possível identificar, em estratigrafia, ocupações humanas que se estendem do Neolítico à Idade Média, passando pelo Calcolítico, Bronze Pleno e Bronze Final (SENNA-MARTINEZ 1993; SENNA-MARTINEZ, *et al.*, 1993; VALERA, 1993; VARANDAS, 1993).

Ao Bronze Pleno foram atribuídas, na "Sala 20", várias Unidades Estratigráficas [UEs.] (SENNA-MARTINEZ, 1993: 59), integrando um "solo de habitat complexo", entre as quais a UE.4, donde provêm os materiais faunísticos agora estudados.

Estudaram-se ainda os restos recolhidos numa zona de escorrência de materiais localizada na "Sala 2", presumivelmente provenientes da UE.4 da "Sala 20" e atribuíveis (a partir da análise dos materiais arqueológicos associados) também ao Bronze Pleno. Tais fenómenos de escorrência em locais, como este, no sopé de vertentes, entre blocos graníticos, encontram-se amplamente explicados, atendendo às fortes precipitações e ao carácter torrencial dos cursos de água da região. No caso presente, a "Sala 20" é, de todas as até agora escavadas, a que se desenvolve a cotas mais elevadas (sobre as "Salas 2 e 1"), justificando-se, assim, a origem dos materiais transportados.

No Bronze Pleno, aquele espaço comunicava directamente, através de ampla abertura, com o exterior, constituindo um abrigo de longa duração, o que é confirmado pelas características do espólio arqueológico e osteológico recolhido.

2. O espólio osteológico

Foram classificados todos os restos até ao presente recuperados e atribuídos ao Bronze Pleno. Procedeu-se, também e sempre que possível, a medições (valores em mm), na perspectiva de ulteriormente poderem ser comparadas com outros conjuntos faunísticos. Para o efeito utilizaram-se as seguintes convenções: L - comprimento; H - altura; DT - diâmetro transversal; DAP - diâmetro ântero-posterior; DMD - diâmetro méso-distal; DVL - diâmetro vestibulo-lingual.

2.1. UE.4 da "Sala 20"

Classe *Mammalia* L., 1758

Ordem *Artiodactyla* Owen, 1848

Família *Suidae* Gray, 1821

Sus scrofa L., 1758

+ Vértebra cervical de subadulto (nº inv. 6/88).

+ 2º metacárpico (nº inv. 4/88). L = 64,0; DT proximal = 13,0; DT diáfise = 7,5; DT distal = 7,0.

+ 3ª falange, com marcas de fogo (nº inv. 11/88). L = 28,5; H = 16,5; DT articular = 12,5.

Família *Cervidae* Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1758

+ Dois fragmentos do mesmo metatársico II+III, correspondendo a porção anterior da extremi-

dade distal da diáfise. Possui vestígios de fogo. Indivíduo de pequeno tamanho mas maior que exemplar homólogo de corço. Não mensurável (nº inv. 16/88 e 22/88).

Família *Bovidae* Gray, 1821

Bos taurus L., 1758

+ Germe de M/1 ou M/2, incompleto na base (nº inv. 12/88).

+ Olecrânio de cúbito incompleto, faltando-lhe todo o bordo posterior. Observa-se parte da superfície articular com o úmero (nº inv. 17/88).

+ Porção de cabeça de fêmur de indivíduo juvenil, com a junção à diáfise ainda não consolidada. Corte de cutelo seccionando toda a altura do epífise (nº inv. 13/88).

+ Esquírola longitudinal de metade distal de diáfise de tíbia de juvenil, com a ligação à apófise distal não consolidada (nº inv. 7/88).

+ Duas 3^{as} falanges, talvez do mesmo indivíduo (nº inv. 2/88). L = - / 62,0; H = 37,5/34,5; DT articular = 20,5/19,0.

Ovis aries L., 1758

+ M/2 sem desgaste (nº inv. 12a/88). DMD colo = 11,5; DVL colo = 7,5.

+ Tábua externa de M/1 ou M/2, com ligeiro desgaste (nº inv. 12a/88).

+ Fragmento de costela de juvenil (nº inv. 19/88).

+ Extremidade distal de úmero. Possui marcas de corte ao longo do bordo lateral da face anterior (nº inv. 10/88). DT distal = 26,0; DAP distal = 22,0.

+ Porção mesial de diáfise de metatársico II+III (nº inv. 26/88). DT diáfise = 10,5; DAP diáfise = 9,0.

+ Calcâneo (nº inv. 9/88). L = 52,5; DT *sustentaculum* = 19,5; DT mínimo posterior = 8,5; H = 20,0; DT epífise = 12,5.

+ Calcâneo de juvenil com falta da epífise (nº inv. 15/88).

Cervus elaphus / *Bos taurus*

+ Fragmento de corpo vertebral (nº inv. 24/88).

+ Fragmento de costela (nº inv. 27/88).

+ Cinco esquírolas, das quais duas provavelmente provenientes de omoplatas e as restantes de ossos longos, fracturados longitudinalmente (nº inv. 3, 14, 20, 21, 23/88).

Ordem *Lagomorpha* Brandt, 1855

Família *Leporidae* Gray, 1821

Oryctolagus cuniculus (L.), 1758

+ vértebra dorsal (nº inv. 5/88).

2.2. UE.10 da "Sala 2" (escorrência)

Classe *Mammalia* L., 1758

Ordem *Artiodactyla* Owen, 1848

Família *Suidae* Gray, 1821

Sus scrofa L., 1758

+ Fragmento de C/1, conservando porção do esmalte dentário.

+ Porção do osso mandibular de subadulto, conservando as raízes de M/1, M/2 não desgastado e parte de alvéolo para M/3. Dimensões do M/2: DMD máximo = 22,0; DVL 1º lobo = 14,0; DVL 2º lobo = 14,5.

+ Porção de osso mandibular com M/1 e M/2, com desgaste médio. Dimensões do M/1: DMD máximo = 17,0; DVL 1º lobo = 10,5; DVL 2º lobo = 12,0. Dimensões do M/2: DMD máximo = 24,0; DVL 1º lobo = 14,0; DVL 2º lobo = 15,5.

+ Dois germes de M/3. Para ambos é de afastar a hipótese de porco doméstico, considerando o grande desenvolvimento do talão. Dimensões: DMD máximo = 34,0 / 39,5; DVL 1º lobo = 15,0 / 17,0; DVL 2º lobo = 14,5 / 17,0; DVL 3º lobo = 10,5 / 13,0.

+ Extremidade proximal de rádio. DT proximal = 27,0; DAP proximal = 18,0.

+ Diáfise de tíbia de juvenil com falta de ambas as extremidades articulares.

+ Extremidade distal de tíbia, fracturada longitudinalmente. DT distal = (43,0); DAP distal = 34,5.

Família *Cervidae* Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1758

+ I/3. O tamanho exclui gamo. DMD máximo = 12,0; DVL máximo = 6,5.

+ Dois astrágalos, um deles de subadulto. L máximo = 54,5 / 49,0; L mínimo = 41,5 / 38,0; L

mesial = 49,0 / 45,0; DT proximal = 34,0 / 31,0; DT distal = - / 31,5; DAP lateral = 30,0 / 27,0; DAP mesial = 31,0 / 28,5.

Família *Bovidae* Gray, 1821

Bos taurus L., 1758

+ P/4, de pequenas dimensões, com desgaste incipiente. DMD colo = 12,0; DVL colo = 11,0.

+ M/3 de pequenas dimensões, talvez do mesmo indivíduo do exemplar anterior. DMD colo = = 23,5; DVL colo = 20,0.

+ M/1 ou M/2, não desgastado, muito fragmentado.

+ Porção de apófise vertebral.

+ fragmento de costela.

+ Metade distal de tibia, com fractura oblíqua na diáfise. DT diáfise = 38,5; DAP diáfise = = 25,0; DT distal = 61,5; DAP distal = 44,5.

+ astrágalo incompleto na parte mesial da tróclea distal. L máximo = 66,5; L mínimo = 49,5; DT proximal = 43,5; DAP lateral = 35,5.

+ Quatro esquirolas de ossos longos seccionados longitudinalmente, um dos quais com marcas de fogo, outro com vestígios de roidela de carnívoro (incisões curtas e irregulares correspondentes aos caninos).

Bos taurus / *Cervus elaphus*

+ dois fragmentos de costela.

Ovis aries L., 1758

+ Tábua interna de M/2, com desgaste incipiente.

+ Vértebra.

+ Fragmentos de três omoplatas.

+ Porção distal de diáfise de úmero.

+ Extremidade distal articular de úmero. DT distal = 27,5; DAP distal = 25,5.

+ Porção mesial de diáfise de metacárpico II+III, com marcas de fogo.

+ 1ª falange. L = 34,5; DT proximal = 10,5; DT diáfise = 7,5; DT distal = 9,5.

+ Osso longo indeterminado de indivíduo muito jovem.

2.3. Sumário de resultados

Os resultados obtidos foram sumariados no seguinte Quadro, onde se consideraram o número total de restos classificáveis (NTR) e não o número mínimo de indivíduos por eles representado (NMI), opção cujas vantagens foram já expostas (CARDOSO, 1993: 109). Por outro lado, foram contabilizados todos os elementos com identidade anatómica própria, mesmo que integrando um único resto.

Espécie	Sala 20 [4] nº de restos	Sala 2 [10] nº de restos
<i>Sus scrofa</i>	3	11
<i>Cervus elaphus</i>	1	3
<i>Bos taurus</i>	6	11
<i>Bos taurus</i> / <i>Cervus elaphus</i>	7	2
<i>Ovis aries</i>	7	10
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	1	-
Total	25	37

3. Conclusões

Os resultados do estudo efectuado evidenciam a predominância, no espectro faunístico, das espécies domésticas. Em termos numéricos, a mais abundante das espécies é a ovelha; porém, se atendermos à corpulência do boi, é a esta espécie que deveremos reportar a maior importância alimentar. Por outro lado, não se identificou o porco doméstico, nem a cabra, espécie caracterizada por ossos mais robustos e em geral de maiores dimensões que os de ovelha. A predominância, ao nível de proteínas consumidas, do boi doméstico, sugere a estabilidade do povoamento das comunidades que, no Bronze Pleno se encontravam fixadas na região.

A caça é pouco relevante: a presença de veado é vestigial; quanto à do javali, poderá encontrar-se sobreavaliada por termos considerado todos os elementos com identidade anatómica própria, mesmo que integrando um único resto, situação particularmente evidente nesta espécie.

As fracturas longitudinais que numerosos ossos longos ostentam, reduzidos frequentemente a esquirolas inclassificáveis, estão relacionadas com a extracção da medula óssea. Encontra-se, pois, demonstrada a prática de cozidos, sobretudo em bovinos, sendo óbvia a sua extensão aos ovinos.

A porosidade e, sobretudo, a deficiente ou inexistente ossificação das extremidades articulares, patente em grande parte do material observado, indica que o consumo da carne se efectuava, frequentemente, logo que os animais atingiam o seu peso óptimo para o abate; apenas uma parte seria conservada para a produção de lacticínios, o que sugere um certo desafogo em termos de proteínas disponíveis na alimentação.

A existência de churrascos encontra-se, também, demonstrada pela incarbonização parcial patente nalguns ossos; é interessante assinalar a sua incidência em restos de veado e de javali.

As populações que ocuparam no Bronze Pleno o Buraco da Moura de São Romão evidenciam uma economia pastoril, baseada em bovinos e em rebanhos de ovinos, de onde extraíam, não apenas carne, mas lacticínios. Encontra-se assim comprovada a exploração regional de pastagens (necessariamente em altitude), no decurso do II milénio a.C., tendo como consequência a degradação do coberto florestal da área serrana - detectada, para o Maciço Central, desde o final do IV, inícios do III milénio a.C.¹ e com nova etapa de intensificação atribuível a meados do II milénio (JANSSEN, 1985; JANSSEN & WOLDRINGH, 1981; VAN DER KNAAP, inf.pessoal) - em consequência da prática do pastoreio, situação cabalmente demonstrada através dos restos agora estudados.

Bibliografia

- CARDOSO, J. L. (1993) - "Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto fenício. Estudo dos restos da Rocha Branca (Silves)", *Estudos Orientais*, 4, pp. 109-126.
- CORDEIRO, A. M. (1992) - "O Homem e o Meio no Holocénico Português. Paleo-ambientes e erosão", *Mediterrâneo*, 1, pp. 89-109.
- JANSSEN, C. R. (1985) - "História da vegetação", in: S. DAVEAU Ed., *Livro-Guia da Pré-Reunião. Glaciação da Serra da Estrêla - Aspectos do Quaternário da Orla Atlântica*, G.T.P.E.Q.-G.E.T.Q., Lisboa, pp. 66-72.
- JANSSEN, C. R. & WOLDRINGH, R. E. (1981) - "A preliminary radiocarbon dated pollen sequence from the

Serra da Estrela, Portugal", *Finisterra*, XVI, 32, pp. 299-309

- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993) - "A ocupação do Bronze Pleno da 'Sala 20' do Buraco da Moura de São Romão", *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, pp. 55-76.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. et al., (1993) - "A ocupação do Bronze Final do Buraco da Moura de São Romão", *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, pp. 125-135.
- VALERA, A. C. (1993) - "A ocupação calcolítica da 'Sala 20' do Buraco da Moura de São Romão", *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, pp. 37-53.
- VAN DEN BRINK, L. M. & JANSSEN, C. R. (1985) - "The effect of human activities during cultural phases on the development of montane vegetation in the Serra da Estrela, Portugal", *Review of Palaeobotany and Palynology*, 44, pp. 193-205.
- VARANDAS, J. (1993) - "A ocupação medieval do Buraco da Moura de São Romão", *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, pp. 155-162.

1 Para as Montanhas Ocidentais do Centro/Norte de Portugal, dados recentes apontam para um início do impacto antrópico devido a pastorícia eventualmente ainda dentro do final do V milénio (CORDEIRO, 1992).